

**O Discurso como Prática Social: “Valdemar Morreu!
Eu Sou Valéria Vasques, a Bandida!” – a Construção
Identitária Transexual no Programa Zorra Total**

*The Discourse as a Social Practice: “Valdemar is dead!
I am Valéria Vasques, the Outlaw!” – The Construction of
Transexual Identity in the Television Program Zorra Total*

Renan Araújo Gomes

*Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV
renan.araujogomes@gmail.com*

Maria Carmen Aires Gomes

*Doutora em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso pela UFMG
mcgomes@ufv.br*

12

Resumo

A transexualidade constitui experiência *abjeta* frente à *biopolítica heteronormativa*. Contra essas *wontades de verdade*, propomos uma genealogia sobre a identificação transexual, a partir da análise dos esquetes da personagem *Valéria Vasques* no programa *Zorra Total*. Conforme orientações da Análise do Discurso Crítica (ADC), obedecemos à dialética discursiva, constitutiva de práticas sociais e performatividades, tomando como eixo analítico a relação entre Valéria e Valdemar, enfocando modalidades e avaliações, práticas relativas à significação identificacional. Concluimos que o desdobramento entre os personagens pode traduzir-se na oposição entre o *presente* e o *passado*, a *vida* e a *morte*. Valéria assume a feminilidade anulando o sujeito masculino, demonstrando, também, que a transexualidade emerge subversivamente no projeto heterossexista, representada pelo atributo '*bandida*', no bordão da personagem.

Palavras-chave: Discurso. Poder. Transexualidade. Gênero.

Abstract

The transsexuality constitutes an abject experience within *heteronormative biopolitic*. Against these *wishes of true*, we propose a genealogy on transsexual identification from the analysis on the sketches of the character *Valeria Vasques*, in the *Zorra Total* program. Based on the guidelines of the ACD, we follow the dialectical discursive principle, social and performativities practices constitutive, taking as an analytical frame the axis of relation between Valerie and Valdemar, focusing on the modality and reviews as practices related to the meaning making of identities. We conclude that the displacement between the characters can be explained into a relationship between the *present* and the *past*, *life* and *death*. Valerie assumes her femininity and annuls the male subject. However, this demonstrates that transsexuality can be understood as subversion within the heterosexist project, that was represented by the '*outlaw*' attribute, enhanced by the character.

Keywords: Discourse. Power. Transsexuality. Gender.

Vidas Preteridas: a Abjeção da Transexualidade

“Desculpo-me, mas sem grande entusiasmo, por repetir de algum modo aqui esse excesso especulativo, porque, às vezes, quando determinado dano permaneceu durante muito tempo calado, é necessário fazer uma réplica hiperbólica” (Judith Butler).

Ao pensarmos as identidades de gênero definidas a partir dos corpos sexuados *feminino* e *masculino*, em que se legitima um ideal de *mulher* e *homem verdadeiros*, a transexualidade emerge, então, como experiência de vida a ser suprimida, a *outridade negada*. A partir da crítica ao sistema heteronormativo proposta pela socióloga Berenice Bento (2008), coadunada às reflexões da filósofa feminista Judith Butler (2006, 2010a, 2010b), podemos afirmar que a constituição identitária transexual¹ estaria encerrada em um processo de abjeção², ou seja, a supressão dos *transgressores*, dos *diferentes*, dos *imperfeitos*, ou, como veremos adiante, dos *bandidos*.

Assim, as realidades vividas pelas pessoas transexuais são marcadas pelo que Stuart Hall (2006, 2011) descreve como *crise identitária*, tanto no plano das relações íntimas, haja vista os conflitos pessoais gerados por uma situação de *imprecisão* frente às identidades legitimadas de gênero, sexo e desejo, quanto no das públicas, pois as severas implicações dessa crise também se desdobram em um processo contra hegemônico frente a um mecanismo majoritariamente discursivo de poder, cuja economia heteronormativa incide sobre as vidas humanas, determinando-lhes *quem são* e *quem não são*; *o que podem* e *o que não podem ser* (BENTO, 2008; BUTLER, 2006, 2010a, 2010b; FOUCAULT, 1988, 2010). Logo, não é raro encontrarmos notícias sobre pessoas que mutilam o próprio corpo, ou que sucumbem às dores da (auto) rejeição, recorrendo ao suicídio, ou daquelas vítimas³ de agressão física e psicológica, “por meio da negação de sua identidade como seres humanos” (RESENDE, 2008, p. 429).

¹ Esclarecemos, desde então, que compreendemos a constituição de identidades a partir da relação entre os Estudos Culturais e o pensamento de Judith Butler acerca das *performatividades*, o que implica: (i) superar arquétipos de sujeitos engessados culturalmente e adotar a perspectiva democrática da diversidade. Em outras palavras, aqui, reconhecemos as possibilidades plurais de vivência transexual, assim como outras experiências de gênero; (ii) pensar as identidades não sob o signo linguístico verbal do 'ser', mas do 'tomar-se', pressupondo que as identidades são mutantes, construções históricas, politicamente investidas. Adiantamos que a palavra *transexualidade*, conforme o fez Bento (2008), foi aplicada para significar as experiências de vida caracterizadas pelo trânsito entre as categorias de gênero, circunscritas e (re)produzidas culturalmente nas e por práticas heteronormativas.

² Nossa tradução do espanhol: “*abyección*”. O termo é remanescente dos estudos feministas de Luce Irigaray, resgatado por Judith Butler para designar a materialização de *seres abjetos*, em uma relação de oposição entre identidade e diferença que se configura em um processo de legitimação de um 'Eu' hegemônico e de encerramento dos 'Outros', aqueles que não se adequam às normas referentes à constituição do próprio *ser humano*, como no que se refere à causalidade inerente ao gênero, ao sexo e ao desejo.

³ Válido citar que o dia 20 de novembro é dedicado à *Memória Transgênera*, em uma manifestação contra a transfobia, ou seja, à violência contra transexuais.

Essas realidades de opressões delinearão ontologicamente a realização desta pesquisa. Inspirados por reflexões foucaultianas, seguimos uma postura relativista frente ao que é definido como *legítimo*, em uma mobilização contra um *regime de verdade* proclamado nas e através de práticas hétero compulsórias, as quais preterem aqueles que transgridem suas regras. Em síntese, nas palavras do filósofo francês, nosso trabalho

não se trata de libertar a verdade de todo o sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento (FOUCAULT, 1979, p. 14).

Para tanto, recorreremos à Análise do Discurso Crítica (ADC), adotando o arcabouço teórico-metodológico faircloughiano, considerando a linguagem como parte de uma complexa estrutura institucional, cuja oferta de inúmeros recursos semióticos permite-nos significar ações, representações e identificações, o que implica seu princípio fundamental: o *discurso constitui práticas sociais* (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; GOMES, 2007; RESENDE; RAMALHO, 2009), logo, acrescentamos, o *discurso constitui performatividades* (BENTO, 2008; CARLSON, 2009; BUTLER 2006, 2010a, 2010b).

Para este artigo⁴, apresentamos uma reflexão sobre a constituição identitária da personagem transexual *Valéria Vasques*, nos esquetes transmitidos no programa de televisão *Zorra Total*, no ano de 2011, a fim de propormos um exercício *arqueológico* e, conseqüentemente, *genealógico* acerca da construção discursiva da transexualidade. Obviamente, haja vista a complexidade temática desse *corpus*, essa discussão não se esgota aqui. No entanto, como ponto de partida, até para trabalhos posteriores, concentramos em um plano analítico a partir do qual podemos observar os discursos que se entrecruzam na relação do sujeito *Valéria* com seu passado, personificado pelo sujeito *Valdemar*, no intuito de abordarmos a emergência dos discursos inerentes ao processo de *mudança de sexo*, de trânsito entre os *gêneros/sexo masculino* e *feminino*.

A fim de mantermos o tradicional percurso gradativo, iniciamos com a resenha teórica e metodológica sobre a ADC e os laços epistemológicos com outras áreas do conhecimento filosófico e sociológico e finalizamos com uma discussão mais detalhada acerca da análise discursiva e das identidades, ou melhor, das *performatividades transgressivas* de *Valéria*, a *Bandida*.

⁴ O presente artigo é um recorte da pesquisa de Mestrado intitulada “*Ai, como sou bandida! A Análise Discursiva Crítica sobre a Construção Identitária da Personagem Valéria Vasques, no Programa de Televisão Zorra Total, da Rede Globo*”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa.

A Análise do Discurso Crítica: o Discurso nas Relações de Poder

A emergência dos estudos discursivos foi marcada por uma transformação filosófica ocidental, no decorrer do século XX. Tais mudanças, no próprio *modus operandi* de se fazer ciência, classificada por alguns pensadores como *pós-estruturalista*, “têm-se feito acompanhar por uma virada linguística na teoria social, cujo resultado é um papel mais central conferido à linguagem nos fenômenos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 20). Trata-se de reconhecer a linguagem como o fator comum na análise de questões políticas e sociais, fazendo necessária uma prática de pesquisa transdisciplinar e intervencionista.

Nesse contexto, situamos o trabalho de Norman Fairclough, quem, na tentativa de suprir essa lacuna epistemológica, desenvolve a Teoria Social do Discurso (TSD), pautando-se em uma abordagem linguística pelo viés social e, dialeticamente, em uma análise das práticas sociais a partir da faceta linguístico-discursiva, cujo processo pode ser caracterizado como Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Nas palavras do autor:

o que se busca é uma análise de discurso que focalize a *variação*, a *mudança* e a *luta*: variabilidade entre as práticas e heterogeneidade entre elas como reflexo sincrônico de processos de mudança histórica que são moldados pela luta entre as forças sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 58, grifo nosso).

Entendemos a mudança discursiva e social associada à concepção de luta, travada no interior de relações de poder, dimensionadas socialmente. Tornam-se claras, então, a influência do pensamento foucaultiano e a complexa visão de *poder* enquanto um fenômeno descentrado, cujo exercício compreende uma engenharia política de esquadramento social, de alcance tanto ínfimo, em nível do corpo humano (o *disciplinamento*, como *técnica anátomo-política*), quanto infinito, em nível do corpo social (*biopolítica*, como arranjos de *governamentalidade*⁵) (FOUCAULT, 1979, 2010; REVEL, 2005; VENTURA, 2010). Para o filósofo francês, os dispositivos de poder, entre eles o próprio discurso, funcionam retroativamente, culminando na produção e controle de *saberes*, nos diversos campos de atuação humana, fazendo com que todo domínio do *saber* implique exercício do *poder*.

⁵ Por governamentalidade, compreendemos “o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população” (REVEL, 2005, p. 54).

Fairclough (2001, 2003) também recorre ao pensamento de Antônio Gramsci⁶ (1975 *apud* PAMPLONA, 1989) sobre *hegemonia*, para fundamentar sua reflexão acerca da operação de poderes no e por meio do discurso, enquanto um processo de dominação ideológica, por isso, velada, cuja eficácia está na *naturalização* de discursos e *saberes* construídos historicamente como *verdades tácitas*. No entanto, onde estes se mostram contraditórios, evidenciam-se focos de instabilidade, propícios ao rompimento e à mudança.

Sendo o discurso espaço de articulação e dispositivo do poder, reiteramos a necessidade por uma mobilização intelectual, em um movimento que faça transparecer relações perversas de dominação, cuja opacidade é relativa à naturalização histórica de práticas, relações e identidades. Em outras palavras, “as estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder; conseqüentemente, não há posição fora desse campo, mas somente uma genealogia crítica de suas próprias práticas de legitimação” (BUTLER, 2010b, p. 22).

A partir disso, ressaltamos que a mudança social pressupõe aceitarmos o que poderíamos chamar de *primado da dialética*, na relação entre estrutura⁷ e prática social, ou '*sociedade ↔ discurso*', cujo princípio permeia os pressupostos da TSD, justamente por considerar a dinamicidade intrínseca tanto ao constrangimento institucional quanto à possibilidade de agência social, no e pelo discurso, (re)produtora ou transformadora nesse campo de relações.

Seguindo o eixo de pensamento hegeliano, a dialética consistiria na força motriz regente na operação de poderes hegemônicos, haja vista podermos compreendê-la como “a relação lógica e ontológica de implicação mútua que persiste entre termos *aparentemente* opostos” (BUTLER⁸, 1991, p. 269 *apud* SALIH, 2012, p. 36, grifo nosso). Essa '*oposição*' é gerada em um campo de inteligibilidade discursiva, politicamente constituído, a partir do qual, aqui, podemos compreender o jogo de *Identidade* e *Diferença* que perpetua a relação de forças assimétricas entre um *Eu* legitimado e o *Diferente*⁹ abjeto.

⁶ GRAMSCI, A. *Edição Crítica dos Quaderni del Carcere*. Torino: Giulio Einaudi, 1975.

⁷ Por estrutura, entendemos as diversas instituições sociais, tais como Estado e Família, bem como os campos da ciência, mídia, direito, religião, inclusive, a linguagem; suas doutrinas, normas e convenções, as relações e identidades inerentes às posições de sujeito articuladas em seus respectivos limites de interação, pensando que “os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

⁸ BUTLER, J. The nothing that is: Wallace Stevens' Hegelian Affinities. In: COWAN, B.; KRONICK, J. G. (Org.). *Theorizing American Literature: Hegel, the Sign, and History*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1991. p. 269-287.

⁹ Para nós, o próprio uso do termo '*diferente*' constitui prática de hierarquização identitária, significando a legitimação de um '*Eu*' e a conseqüente marginalização discursiva do '*Outro*', a quem somente o predicado '*diferente*' é aferido. A *Outridade* diferente de *Mim*. Por esse motivo, preferimos o termo '*diversidade*', na pressuposição de que este admite coerentemente a pluralidade performativa nas diversas paisagens culturais. Lutamos, então, para que a transexualidade seja entendida como expressão da *diversidade*, e não da *diferença*.

Nesta discussão, a luta hegemônica emerge na relação de forças: por um lado, referente à perpetuação ideológica sobre gênero, sexualidade e desejo, traduzida na ideia, ou *vontade de verdade*, sobre o *que é ser homem e ser mulher*, acima de tudo, sobre o *que é ser pessoa*, conforme o disciplinamento dos corpos sexuados, em atuação biopolítica caracterizada pela *matriz heterossexual* (BUTLER, 2010a, 2010b); e, por outro, como a transexualidade estabelece foco de resistência e contestação, de maneira a questionar os fundamentos que sustentam o imperativo heteronormativo, nos limites da matriz. Em outras palavras:

a transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos normais/anormais e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais (BENTO, 2008, p. 20).

Em função disso, compreender a constituição identitária a partir do conceito de *performatividade* butleriano torna-se perfeitamente coerente com nosso debate, haja vista sua operação dialética, no sentido de reconhecer as identidades como “a reiteração forçada das normas” (BUTLER¹⁰, 2010a, p. 145), ou seja, práticas referenciais em que os discursos, mediante sua propriedade ideológica e constitutiva, (re)produzem, historicamente, os significados construídos relativos às categorias do *ser*, ou melhor, do *tornar-se*. Isso significa admitir a possibilidade de mudança a partir da ideia de um *'deslize'*, enquanto agenciamento inovador (CARLSON, 2009; BUTLER, 2010a, 2010b), pois é nos pontos de tensão entre as forças, de contradição discursiva, que os *deslizes* podem ocorrer, hegemonias ser rompidas, poderes deslocados, performatividades (re)constituídas.

Destarte, Fairclough (2001, 2003), estendendo a lógica dialética ao plano ideológico, recupera a ideia de *reflexividade crítica*, proposta por Anthony Giddens (1991), e defende a liberdade de agência individual e coletiva, mesmo constringida socialmente, pois aí está o potencial latente, tanto para perpetuação quanto para transformação discursiva, ideológica e política, ressaltando que “o equilíbrio entre o sujeito 'feito' ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121). Logo, a contestação, a resistência e a mudança, inclusive no que concerne às identificações, às categorias performativas de gênero, sexo e desejo e à constituição dos corpos, são desempenhadas nos domínios do saber, da ideologia, do discurso.

¹⁰ Nossa tradução do espanhol: “la reiteración forzada de normas”.

Antes de encerrarmos este tópico, devemos explicar que Fairclough (2001, 2003), para fundamentar a orientação discursiva para a mudança social, retoma o conceito foucaultiano *ordem de discurso*, para designar a convencionalização cultural de saberes, discursos e práticas subjacentes a todo evento social, atuante como *mediadora* entre as normas sociais e a agência dos sujeitos inseridos em determinado contexto de relações. Em outras palavras, é somente nas ordens de discurso que a dialética “*discurso ↔ sociedade*” se dá. Assim, ordens do discurso são

momentos encadeados de práticas sociais, isto é, uma rede de convenções e valores sociais e institucionais, estruturadas por relações de poder dentro de instituições, que produzem diferentes tipos de discurso, gêneros discursivos e vozes, gerados através da inculcação e do ordenamento das práticas sociais (GOMES, 2007, p. 18).

Trata-se de um conceito importante, pois demonstra a complexidade acerca do movimento dialético entre prática e estrutura, uma vez que, como bem resume Gomes (2007), as mudanças discursivas e sociais somente se realizam por meio da (des)articulação ou recontextualização de elementos relativos às ordens do discurso. Tais elementos (na perspectiva linguístico-discursiva associada aos *gêneros*, *discursos* e *estilos*, como veremos adiante) apresentam, em seus espaços fronteiros, focos de tensão nas relações hegemônicas de poder, pois estão abertos a (re)investimentos políticos e ideológicos. “A luta articulatória assim definida é uma faceta discursiva da luta hegemônica” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 40).

Ao longo do artigo, veremos que a identificação, ou performatividade, transexual emerge nas e a partir de práticas subversivas, discursos inteligíveis no âmbito da própria matriz heterossexual, podendo esta ser entendida enquanto ordenamento discursivo operante em muitas instituições durante vários momentos históricos, mesmo o presente, relativo à constituição das performatividades *masculina* e *feminina*, cristalizando arquétipos identitários hegemônicos de sujeito *homem* e *mulher*. Especificamente, nosso foco recai em como esses processos se dão linguisticamente nas falas da personagem Valéria Vasques e nas redes comunicativas em que está inserida, o que implica analisar as escolhas linguísticas aplicadas para significar, ou melhor, constituir-se a *Si* e aos *Outros*, mesmo que esse *Outro* seja o desdobramento de seu *Eu Passado*, identificado como *Valdemar*.

No próximo tópico, abordaremos o enquadre tridimensional, a partir do qual podemos visualizar, tanto teórica quanto metodologicamente, a articulação do processo dialético entre ‘*discurso ↔ sociedade*’, conforme os pressupostos da Teoria Social do Discurso (TSD).

A Teoria Social do Discurso: da Arqueologia à Genealogia

No livro *Discurso e Mudança Social*¹¹, de 1992, Fairclough apresenta a *Teoria Social do Discurso*, em um enquadre tridimensional para demonstrar a operação dialética '*discurso ↔ sociedade*'.

Nesse enquadre, podemos observar o discurso a partir de sua dispersão em 3 instâncias, servindo, metodologicamente, às operações da ADTO, em que (i) o *texto*¹² se configura como (ii) *prática discursiva* e, conseqüentemente, (iii) *prática social*. Posteriormente, o discurso seria compreendido como '*momento de prática social*', a fim de expressar a propriedade historicizada dos textos, como eventos contextualmente inseridos.

Mantendo a tradição analítica da ADC, no livro *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003) reformula panoramicamente o modelo tridimensional, interpretando a dialética '*discurso ↔ sociedade*' na relação '*evento ↔ prática social ↔ estrutura social*', que, em uma abordagem linguístico-discursiva, pode ser demonstrado entre '*texto ↔ Ordem do Discurso ↔ Linguagem*'. Nesse sentido, o conceito de *ordem do discurso*, aplicado em determinado campo de atuação humana, passa a enfatizar a articulação dos *gêneros discursivos*¹³, os *discursos* e os *estilos*, enquanto práticas discursivas, operadas linguisticamente, para significar *ações*, *representações* e *identificações sociais*, nesse campo. Resumidamente, o processo analítico dialético pode ser entendido nos seguintes percursos:

Quando analisamos textos, como partimos de eventos sociais específicos, nós realizamos dois movimentos interconectados: [a] observamos-lhes em termos dos três significados, ação, representação e identificação, e como são realizados nos vários aspectos dos textos (seus vocabulários, sua gramática); [b] desempenhando uma conexão entre o evento social concreto e a instância mais abstrata da prática social, questionando-se, quais gêneros, discursos e estilos são articulados aqui, e como são configurados juntos nos textos (FAIRCLOUGH¹⁴, 2003, p. 28).

¹¹ Tradução do inglês: '*Discourse and Social Change*'. Para esta pesquisa, recorremos a uma edição traduzida pela Editora da Universidade de Brasília, de 2001.

¹² Por *texto*, incluímos, também, outros modos de expressão semiótica, como as imagens visuais e os modos de representação telefílmica.

¹³ É necessário fazer uma ressalva acerca do termo *gênero*, ao qual, neste trabalho, atribuímos dois significados diferentes, em função da tradução do inglês: (i) na tradução de *genres of discourse*, referimo-nos aos *gêneros do discurso*, no próprio sentido bakhtiniano do termo, para designar os tipos relativamente estáveis de discurso, cujo conceito foi retomado por Fairclough (2001, 2003); (ii) quanto à tradução de *gender*, usamos para significar o gênero social, como arquétipo identitário e cultural baseado nos corpos sexualizados, designando *homens* e *mulheres*, utilizado por Butler (2010a, 2010b).

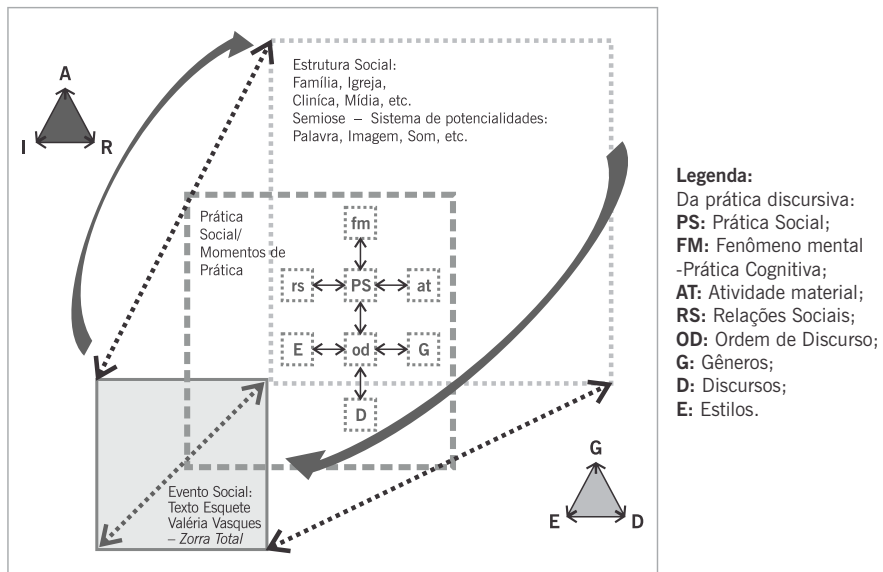
¹⁴ Nossa tradução do inglês: "*When we analyse specific texts as part of specific events, we are doing two interconnected things: [a] looking at them in terms of the three aspects of meaning, Action, Representation and Identification, and how these are realized in the various features of texts (their vocabulary, their grammar, and so forth); [b] making a connection between the concrete social event and more abstract social practice by asking, which genres, discourses, and styles are drawn upon here, and how are the different genres, discourses and styles articulated together in the text*"

Pensando nas vozes foucaultianas que permeiam epistemologicamente a TSD, percebemos que tais movimentos podem ser traduzidos na relação de implicância mútua entre o exercício *arqueológico*, na tentativa de desvelar a rede de relações (inter)discursivas em que esse texto esteja inserido e de compreender, a partir disso, suas condições de emergência, o que Fairclough (2001) enfoca nos processos de *produção, distribuição e consumo*, e, conseqüentemente, a prática *genealógica*, enquanto esforço reflexivo, de crítica social e política, cuja proposta analítica a TSD preocupa-se em realizar. Em síntese, nas palavras do filósofo francês, “fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2002, p. 33).

Pensando como Foucault, concluímos que toda prática arqueológica demanda um exercício genealógico e toda genealogia pressupõe arqueologia, lembrando que o domínio do *saber* enquanto prática de *empoderamento* também se aplica ao exercício crítico que fazemos aqui.

Baseado nisso, Gomes (2013) propõe uma representação esquemática sobre a reformulação do modelo tridimensional, em concordância com os pressupostos de Fairclough (2001, 2003):

Figura 1: Reformulação do modelo tridimensional



Fonte: Gomes, 2013.

Nesta pesquisa, a seta direcionada para cima representa o movimento arqueológico de análise discursiva, para desvelar a rede de práticas, discursos e saberes na qual o texto do *Zorra Total* se insere, na constituição das performatividades de gênero e sexo, dentre elas, a transexualidade. A seta direcionada para baixo representa o conseqüente movimento *genealógico* (FOUCAULT, 1996, 2010), a fim de percebermos como tais (inter)discursos estão articulados em relações hegemônicas de poder e como são operacionalizados na construção e representação identitária, haja vista sua propriedade constitutiva, investidos política e ideologicamente. Como dito, tais movimentos são mútuos, permitindo-nos articular a análise descritiva, interpretativa e reflexiva (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), concomitantemente, o que apresentamos nos próximos tópicos.

Valéria Performativa

“Eu sempre soube que nasci para dominar o seu sexo, e vingar o meu próprio” (Marquesa de Merteuil – Ligações Perigosas).

Voltamo-nos, então, para os diálogos em que Valéria Vasques participa, concentrando, inicialmente, a análise que Fairclough (2003) propõe sobre *Estilo* como prática discursiva associada ao processo de *significação identificaciona*, ou, como ressalta Butler (2010a), de materialização dos sujeitos no discurso.

Partir do Estilo possibilita-nos refletir sobre “como eles [os sujeitos; agentes sociais, representados *grotescamente* pelos personagens] identificam a si mesmos e como eles são identificados por outros” (FAIRCLOUGH¹⁵, 2003, p. 159), a fim de problematizarmos um complexo arranjo de *identidade* e *diferença* e compreendê-los na perspectiva performativa. Constatamos a recorrência lexical de nominalizações, adjetivações, verbos, representando ações, atribuições e experiências, todos utilizados na significação de *modalidades* e *avaliações*, que, para Fairclough (2003), coadunado a Eggins e Slade (1997), constituem importantes categorias sobre a *texturização de identidades*¹⁶.

Resumidamente, por modalidade, entendemos os diferentes graus de comprometimento do sujeito, inserido em relações de troca, com a veracidade do que se diz e com a obrigatoriedade do que se propõe a fazer e do que se tem de cumprir (FAIRCLOUGH, 2001, 2003); por avaliações, o processo de significação

¹⁵ Nossa tradução do inglês: “*how people identify themselves and are identified by others*”.

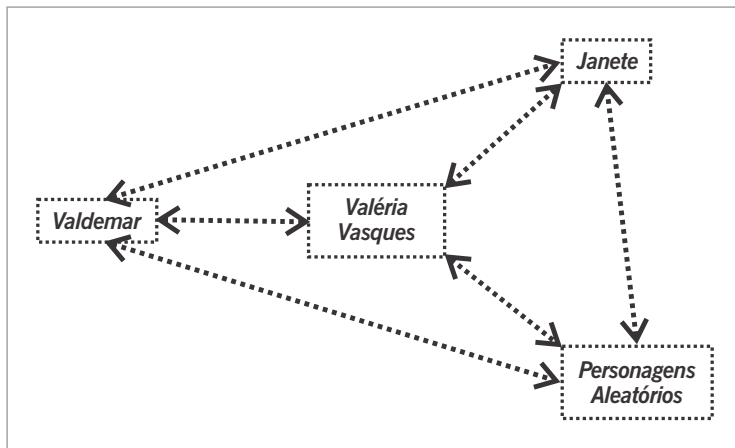
¹⁶ Nossa tradução do inglês: “*texturing of identities*”. Tal expressão é interessante, pois auxilia na compreensão do *Estilo* enquanto meio discursivo de *ser/tornar-se*, de projetar no texto identificações sociais.

e caracterização, mediante valores culturais acerca do que é *desejável* ou *depreciável* (EGGINS; SLADE, 1997; FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

As modalidades e as avaliações, enquanto práticas discursivas, são interessantes, pois constituem “um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 201). Sob a perspectiva dialética de análise discursiva, abordamos o Estilo, associado ao *significado identificacional*, considerando os *significados representacionais* e *acionais*. Nesse contexto, isso implica a crítica sobre os (inter)discursos que permeiam o processo de identificação dos personagens, quais representações sociais emergem decorrentes disso, em processos que se dão no âmbito de inserção do programa *Zorra Total* em uma rede de práticas midiáticas, voltadas para a produção do humor e da comicidade¹⁷.

Tomando a descrição de Stuart Hall (2006, 2010) sobre a fantasmática ilusão essencial das identidades, associadas a um *efeito discursivo de sutura*, remetendo-nos, logicamente, ao conceito performativo butleriano, a constituição identitária fundamenta-se em um processo *relacional*, do *ser* diante do que *não se é*, de um *Eu*¹ perante um *Outro*², em que aquele seria a *Outridade*¹ para esse segundo *Eu*². Logo, adotamos um enquadre analítico inspirado no campo de relações no qual Valéria Vasques está inserida.

Figura 2: A constituição identitária de Valéria Vasques



Fonte: Gomes, 2013.

¹⁷ Sobre a descrição configurativa do programa *Zorra Total* enquanto Colônia, e seu propósito discursivo voltado para a produção da comicidade, que se desdobra, igualmente, em crítica política e social, o que é típico dos programas humorísticos, ver o Capítulo 5, da Dissertação de Mestrado “*Ai, como sou bandida! A Análise Discursiva Crítica sobre a Construção Identitária da Personagem Valéria Vasques, no Programa de Televisão Zorra Total, da Rede Globo*”.

Assim, compreender quem Valéria *foi*, quem ela *é*, ou *pode vir a ser* envolve analisar sua dispersão enquanto sujeito *Valéria*. Conforme especificado na introdução deste artigo, aqui, focalizaremos apenas o eixo de relação entre o sujeito Valéria e seu passado, personificado no sujeito Valdemar, a fim de refletirmos sobre o processo de mudança de sexo e sua construção discursiva, a relação *identidade* e *diferença* no jogo de oposição entre *homem* e *mulher* e a compreensão performativa dos gêneros frente à transexualidade.

Valéria ↔ Valdemar: O Tornar-se *Mulher*, sendo *Bandida*

De início, vejamos a relação das expressões por meio da qual Valéria Vasques faz referência a si própria e a Valdemar, em termos de apreciação física, afetiva, julgamentos morais, éticos e valorativos, palavras intrínsecas à significação performativa de *Si* e do *Outro*.

Quadro 1: Avaliações de Valéria e Valdemar

Avaliações de Valéria sobre si mesma				
Tipo	Subtipo	Avaliação	Verbo/ Processo	
Apreciação	Reação	Mulher	Virar/ relacional atributivo	
		Mulher	Operar/ material	
		A bonita	Ser/ relacional atributivo	
		Assessora para assuntos de poeiras e detritos	Ser/ relacional atributivo	
		Bumbum magnético	Ter/ relacional atributivo	
		Seios de noventa centímetros	Ter/ relacional atributivo	
		Valéria.sem	Virar/ relacional atributivo	
		Valéria sim	Ser/ relacional atributivo	
		<i>Transex</i>	Ser/ relacional atributivo	
		Não é travesti	Ser/ relacional atributivo + advérbio de negação	
		Não é Valdemar	Ser/ relacional atributivo + advérbio de negação	
				Ressurgir/ existencial
		Julgamento	Sanção social	Bandida
Maléfica	Estar/ relacional atributivo			
Maldita	Estar/ relacional atributivo			
	Estima social	<i>Batalhadeira</i>	Ser/ relacional atributivo	
		Criativa	Ser/ relacional atributivo	
		Guerreira	Ser/ relacional atributivo	
Afetiva	Sentimento de (in)felicidade	Insatisfeita	Estar/ relacional atributivo	
		Chateada	Estar/ relacional atributivo	
		Virada no samurai	Estar/ relacional atributivo	
		Valéria <i>Sim</i>	Ser/ relacional atributivo	
	Sentimento de (in)segurança	Angustiaada	Estar/ relacional atributivo	
Sentimento de (in) satisfação		Faxina	Gostar/ mental emotivo	
	Homens	Gostar/ mental emotivo		
	Homens maduros	Gostar/ mental emotivo		
	Operação	Encantar/ mental emotivo		

Avaliações de Valéria sobre Valdemar			
Tipo	Subtipo	Avaliação	Verbo/ Processo
Apreciação	Reação	Cinzas	—
		Morto	Atributo resultado do verbo morrer
		Enterrado e Cremado	Enterrar e cremar/ material transformativo
		Entidade	Subir/ material deslocamento ou existencial
		Sacado, ensacado e jogado no lixo	Sacar, ensacar, jogar/ materiais transformativo e de deslocamento
		Centro de mesa branca	Encontrar/ material ou existencial
		Desencarnou	Desencarnar/ existencial
		Página virada	Ser/ relacional atributivo

Fonte: Gomes, 2013.

No Quadro 1, está acentuada, de maneira um tanto óbvia, a identificação *feminina* da personagem. Seu nome e as adjetivações, concordâncias e desinências verbo-nominais terminadas em *A* expressam sua inscrição discursiva enquanto dada configuração de *mulher*, o que significa *não ser homem*, na dicotômica relação de gênero, resultante da oposição entre os sexos *feminino* e *masculino*. Além disso, a *condição feminina* de Valéria é reforçada pelo seu desejo e interesse no sexo oposto, em suas avaliações afetivas direcionadas para '*homens*'/'*homens maduros*', uma vez que o próprio *status humano* define-se intrinsecamente à identificação *heterossexual* enquanto *verdadeira e natural*.

Isso evidencia a crítica já levantada por Butler (2010a, 2010b), baseada no pensamento de Monique Wittig, que apreende a Linguagem como um campo institucional delimitador de experiências condicionadas à relação binária entre o *feminino* e o *masculino*, descrita como *ficção linguística do sexo*, cujos recursos semióticos podem ser ideologicamente operacionalizados em práticas de governamentalidade, “produzida[s] e disseminada[s] pelo sistema de heterossexualidade compulsória, em um esforço para restringir a produção de identidades em conformidade com o eixo de desejo heterossexual” (BUTLER, 2010b, p. 50).

No entanto, seríamos precipitados ao admitirmos a Linguagem somente como espaço institucional de (re)produção ideológica heteronormativa. Por essa razão, é crucial abordarmos o passado de Valéria, por meio das avaliações sobre Valdemar, como eixo de compreensão acerca da constituição identitária dos personagens, pois, baseados na dialética como princípio de operação discursiva (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), não se trata apenas de reproduzir a matriz heterossexual, mas, ironicamente, também de uma prática de subversão contra as performatividades hegemônicas de gênero, sexo e desejo.

No Quadro 1, vemos que o *ser/tornar-se* Valéria constitui-se mediante o *não ser* Valdemar, cujo aparecimento no tempo corrente dá-se a partir de um campo semântico definido pela sua *não existência corporificada*. Esse tipo de oposição constitutiva entre Valéria e Valdemar é recorrente ao longo dos esquetes analisados na amostragem, desencadeados quando Valéria é interpelada em seu antigo nome, no *Metrô Zorra Brazil*. Vejamos, então, os excertos abaixo, de forma a complementar os dados relacionados no Quadro 1:

Esquete	Turno	Personagem	Fala
Episódio 02 04/06/2011	T.02	Valéria	<i>"Que?! Valdemar morreu, foi enterrado, cremado! As cinzas estão junto com o cimento da minha laje! Eu hein! Agora, veja! Operei, virei mulher, querida! Valéria!"</i> [...]
	T.06	Valéria	<i>"E a Vanda não te contou que eu tava insatisfeita? Operei, botei silico!"</i>
Episódio 05 25/06/2011	T.03	Valéria	<i>"Já falei que não foi duas, não foi três, que o Valdemar entidade subiu e desceu! Ele desceu em Encantado! Olha, aliás, Janete, eu estou encantada com a operação que me fizeram! Tá?! Deu uma queloide, mas tirando a queloide eu tô uma mulher! [risos] Ai, como eu tô bandida!"</i>

A afirmação *ser mulher*, assertiva e categórica (como descreve Fairclough (2001, 2003), sobre modalidade), nos processos relacionais atributivos *'ser'*, *'estar'* e *'virar'*, ocorre conseqüentemente aos processos materiais *'operar'*, *'cortar'* e *'botar'*, remetendo-nos à cirurgia de transgenitalização e a outros procedimentos cirúrgicos destinados à troca de sexo, ao realinhamento corpóreo. A transformação cirúrgica pode ser definida como tentativa de adequação plástica a um ideal corpóreo perpetuado pela matriz heterossexual, de que o gênero decorre de corpos sexuados, anatomicamente diferentes (BUTLER, 2010a, 2010b). Nesse sentido, o *corpo feminino* caracteriza-se pela ausência do órgão genital masculino, condição faltante metaforicamente representada no atributo¹⁸ *'Valéria.sem'* (Quadro 1).

Afirmar-se Valéria pressupõe negar e até matar Valdemar, pois a representação discursiva cirúrgica coaduna-se aos verbos *'desencarnar'*,

¹⁸ O significado de *'Valéria.sem'* é produzido mediante o seguinte arranjo polissêmico, que, para Bérsgon (2001), também está associado à produção cômica: *'Ponto sem'* funciona como o oposto de *'ponto com'*. O *'com'*, em vez de ser interpretado como a sigla de *'comércio'*, na designação de endereços eletrônicos, é dito por Valéria como a preposição circunstancial que indica *'estar junto'*, nesse caso, significando ser possuidora do órgão sexual masculino. *'Ponto sem'* é construído como a metáfora para indicar que Valéria fez a operação de transgenitalização e não possui mais o dito órgão, ou seja, *'sem o pênis'*. A compreensão de que estamos lidando com uma metáfora advinda de um vocabulário próprio da informática é possível quando Valéria diz ser *'blogueira virtual'*; usuária de *internet*.

enquanto processo existencial, e '*morrer*', tendo este duas possíveis interpretações mutuamente implicadas: (i) como processo comportamental, a morte vivenciada e experienciada fisiologicamente, enquanto Valéria assume a posição de *comportante feminino*¹⁹; (ii) como processo material, significando a morte provocada do sujeito masculino no ato cirúrgico. Em outras palavras, a relação identidade e diferença entre Valéria e Valdemar não se desdobra unicamente em uma contraposição entre o *presente* e o *passado*, mas em uma relação entre a *vida* e a *morte*.

Nessa dada compreensão da transexualidade, simbolicamente, Valdemar deixa de existir no ato da retirada do órgão genital masculino, que representa o *falo*, momento em que Valéria insere-se no trânsito das posições de sujeito entre *ter (masculino)* e *ser o falo (feminino)*, assumindo esta última. Baseados na crítica de Butler (2010a, 2010b) à Psicanálise freudiana e lacaniana, acreditamos que a cirurgia de transgenitalização constitua uma estratégia cultural de disciplinamento e biopolítica heterossexual, androcêntrica e falocêntrica, pautada no binarismo, na diferença anatômica, como *causa* e *efeito* do investimento psíquico e narcisístico sobre os órgãos genitais, definindo *quem é homem* e *quem é mulher*.

A cirurgia delimita a vida de ambos os personagens, separando, assim, duas fases antagônicas. O passado é marcado por avaliações afetivas de '*angústia*', '*infelicidade*' e '*insatisfação*' (EGGINS; SLADE, 1997; FAIRCLOUGH, 2003). No presente, a cirurgia marca o nascimento de Valéria, associado ao processo existencial '*ressurgir*' (Quadro 1), quando Valdemar é representado como as '*cinzas*' utilizadas no '*cimento da laje*', remetendo-nos, metaforicamente, à vida como *construção*, em que ele se torna o exterior negado, porém, constitutivo da própria identidade feminina. Em consequência disso, é plausível o resgate ao *mito da fênix*, sobre o qual Valéria somente pode nascer das '*cinzas*' de seu passado.

Até aqui, observamos que a constituição identitária de Valéria surge como processo de adequação corporal, um empreendimento político que perpetua ideologicamente os padrões heteronormativos. Entretanto, nesse caso, o próprio ato reprodutivo revela-se subversivo, imprimindo uma leitura diferenciada ao arranjo da matriz heterossexual, trazendo à tona não somente o caráter cultural e performativo do gênero, como também do sexo, conforme defendem Bento (2008) e Butler (2006, 2010a, 2010b).

Torna-se evidente a propriedade performativa do sexo, ao invés de natural, original e biológica, quando associamos a identificação sexual

¹⁹ Nossos sinceros agradecimentos à Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva, da Universidade de Brasília (UnB), pelas colaborações na proposta de interpretação do verbo '*morrer*' enquanto processo comportamental.

subsequente aos processos materiais '*operar*', '*cortar*', e ao processo comportamental '*morrer*', pois uma nova configuração de vida pode emergir diferente no projeto heterossexista imposto ao nascimento. Nesse sentido, acreditamos que Valéria assume uma posição contra hegemônica de outridade *feminina*, pois incorpora a parodística imitação de uma *mulher heterossexual original*, que, porém, é fantasmática. A personagem faz isso por meio de uma rearticulação das regras, assumindo o controle do próprio corpo, efetuando-lhe mudanças que seriam totalmente rejeitadas pela matriz. O teor de comicidade que se produz nessa paródia é inerente à própria construção caricata, burlesca e grotesca da personagem.

Destarte, a adjetivação '*bandida*', como atributo e julgamento sobre os comportamentos de Valéria, categoricamente reiterado em seu bordão, passa a significar o ato transgressivo que a transexualidade, performativamente, representa para a matriz, designando aqueles que, encerrados em uma relação de abjeção, contestam suas identidades, como “espectros produzidos por esse simbolismo [fálico], como seu exterior ameaçante” (BUTLER²⁰, 2010a, p. 157). Chega a ser patético referir-se aos abjetos como bandidos, mas aí também se destacam a assimilação e o posicionamento da diversidade, como espaço de agência para (trans)formação social, como acreditamos defender Fairclough (2003), nos limites do ordenamento heterossexual.

A ideia transgressora e crítica motivada pelo atributo '*bandida*' permeia todo o discurso do programa *Zorra Total*, fazendo-nos lembrar que Valéria assemelha-se aos personagens cômicos e bufônicos; àqueles que, nas palavras de Pavis (2008), retomando Foucault (1979, 1996, 2010), entoam o discurso da loucura e da insanidade, ou seja, da impermissibilidade e da impossibilidade psicológica, anátomo-física e política, da *diferença*, ou melhor, da *diversidade* constitutiva e, mais ainda, do renascimento daquilo enterrado como consequência de uma *vontade de verdade* preponderante em uma conjuntura cultural fundamentada na docilização e aceitação de um ideal fantasmático performativo e corpóreo sobre gênero, sexo e desejo.

Em síntese, retomando a dialética entre ação, representação e identificação discursiva (FAIRCLOUGH, 2003), se admitida a interpretação que propomos aqui, o programa *Zorra Total* estaria inserido em uma rede de práticas voltadas objetiva e politicamente para a crítica social, na sutileza escondida e velada em um humor escrachado e grotesco.

Antes de encerrarmos, algumas considerações sobre a questão cirúrgica devem ser feitas. Em E.05, a nominalização '*operação*' resulta no

²⁰ Nossa tradução do espanhol: “*espectros producidos por ese simbolismo como su exterior amenazante*”.

ocultamento do sujeito operante, referente ao verbo suporte 'fazer', e Valéria, representada pelo pronome átono 'me', surge como beneficiária, aquela em quem a cirurgia é realizada. Assim, notemos que não há qualquer referência ao tratamento médico relacionado à cirurgia de transgenitalização.

A esse respeito, permitamo-nos sugerir que a personagem não tenha passado, ou se sujeitado, a nenhum dos pré-requisitos clínicos definidos pelos manuais de psiquiatria que designam patologicamente a transexualidade, fazendo com que o termo '*bandida*' surja, novamente, como atributo e julgamento referente ao ato de desrespeito e burlo ao protocolo médico. No entanto, persistem dúvidas de ordem política e social, levando-nos às questões: quem fez a operação? Onde foi realizada? Sob quais cuidados? Houve, ou não, acompanhamento? O próprio sucesso da cirurgia é questionável, visto que a personagem revela o aparecimento de uma '*queloides*', resultado de uma lesão cirúrgica, durante a remoção do órgão genital masculino.

Como denunciou Arán²¹ (2008), apesar de a Resolução CFM n. 1652/2002 ter possibilitado a realização de cirurgias de transgenitalização em hospitais públicos e privados, incluídas nos serviços prestados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, ainda ocorrem problemas de ordem estrutural. A abordagem patológica da transexualidade, a variedade de referências terapêuticas para o '*diagnóstico*', assim como o foco errôneo e impreciso na cirurgia como processo de '*cura*', implicam dificuldades de implementação de um serviço social mais amplo.

As taxionomias psiquiátricas, médicas e jurídicas que definem os '*transexuais*' provocam frustração e humilhação para muitas pessoas que vivem a experiência transexual e são impedidas por tais leis de vivenciarem e assumirem as performatividades com as quais se identificam. Dessa forma, o '*estar bandida*' pode insinuar, em uma interpretação mais pessimista do léxico, a condição distanciada dessas pessoas quanto ao '*status*' humano e à impossibilidade de exercerem plena e dignamente seus direitos à vida, o sujeito marginalizado, o sujeito exilado.

Para concluir, então, pensando na dialética que fundamenta a propriedade constitutiva discursiva, percebamos que os significados não se

²¹ Para a autora, a transexualidade, sob o ponto de vista médico-terapêutico, deveria englobar quatro questões, sob perspectiva política e distante da patológica, as quais relacionam: (i) redução de danos orgânicos por uso continuado de hormônios para alteração dos caracteres sexuais secundários, através da hormonioterapia; (ii) psicoterapia, não necessariamente restrita à tomada de decisão sobre a cirurgia, mas aos vários aspectos subjetivos e identitários dos transexuais, o que significa o desenvolvimento de políticas públicas de melhoria nas relações sociais, nos diversos espaços de convivência; (iii) assistência social, através do apoio na superação de processos discriminatórios e excludentes no âmbito da família, trabalho, educação e lazer; e (iv) cirurgia de transgenitalização e cirurgias complementares, quando requeridas, não impostas.

engessam e, no que concerne à palavra '*bandida*', esta passa a configurar uma compreensão de identidade e diferença traduzida na relação mútua entre *marginalização* e *subversão* – evidência disso é que Valéria não sucumbe às mazelas de sua vida e a *ilegal* e *ilegítima* afirmação de ser *mulher* e *bandida* vem sempre acompanhada de risos. É a gargalhada debochada daquela que insiste em contrariar o sistema, desarticulando suas leis, normas e práticas, reiterando, performativamente, a liberdade da qual se outorga para viver o que escolheu *ser*, no momento em que decidiu abandonar Valdemar e *tornar-se* Valéria Vasques.

Obviamente, esta reflexão não se esgota aqui. Permanecem pautas importantes de discussão quanto à relação entre Valéria e Janete e à constituição de *outridades femininas*, contrariando o ideal de mulher hegemônica, o que pretendemos abordar em trabalhos posteriores, como parte de uma inquietude voltada para a prática crítica e reflexiva.

Referências

- ARÁN, M. Transexualidade e políticas de saúde pública no Brasil. *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, v. 08, p. 1-6, 2008.
- BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BERGSON, H. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del 'sexo'*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2010a.
- _____. *Deshacer el género*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- _____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.
- CARLSON, M. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. London: Cassel, 1997.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.
- _____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. Verdade e poder. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 1-14.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- GOMES, M. Considerações sobre os Estudos Discursivos: o Projeto Social Discursivo de Norman Fairclough. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. (Org.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa: Editora da UFV, 2007.
- GOMES, R. "Ai, como sou bandida!" *A Análise Discursiva Crítica sobre a Construção Identitária da Personagem Valéria Vasques, no Programa de Televisão Zorra Total, da Rede Globo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAMPLONA, M. A questão escolar e a hegemonia como questão pedagógica. *Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 3, p. 2-31, 1989.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RESENDE, V. “Não é falta de humanidade, é para dificultar a permanência deles perto de nosso prédio”: análise discursiva crítica de uma circular de condomínio acerca de “moradores de rua” em Brasília, Brasil. *Discurso & Sociedad*, v. 2, p. 422-444, 2008.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2005.

VENTURA, M. *A transexualidade no tribunal: saúde e cidadania*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

WODAK, R. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In. WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of critical discourse analysis*. London: SAGE, 2001.

